

Tradução

Neues von Blumen / Novidades das flores

Susana Kampff Lages, UFF

*Wär' nicht das Auge sonnenhaft,
Wie könnten wir das Licht erblicken?
Lebt' nicht in uns des Gottes eigne Kraft,
Wie könnt' uns Göttliches entzücken?*

*[Se o olho não fosse solar,
como poderíamos ver a luz?
Se em nós não vivesse a própria força divina,
como poderia extasiar-nos o que é divino?]*

Johann W. v. Goethe

As famosas palavras acima constam do prefácio à *Teoria das cores*, um escrito em que Goethe polemiza com Isaac Newton e que até hoje desafia o pensamento que se debruça sobre as difíceis relações entre arte e ciência, relações essas que por sua vez se desdobram em tantas outras, em campos variados como psicologia, filosofia e poesia, num âmbito que hoje diríamos interdisciplinar. E essas palavras também se encontram referidas na alusão com que Benjamin finaliza seu primeiro escrito sobre a arte da fotografia: “Novidades das flores” [*Neues von Blumen*], publicado pela primeira vez em 1928 na *Literarische Welt* e que traduzimos aqui para o número especial da revista *Cadernos benjaminianos*. Com essa tradução queremos oferecer aos leitores, e a essa leitora especial que é Jeanne Marie, um provisório exercício de leitura, que não pretende mais do que retribuir aquele olhar – solar – da professora que nunca abdicou de sua tarefa de transmissão, acendendo sempre em seus ouvintes aquela divina fagulha de uma reflexão, da qual cada um está livre para se apossar para reelaboração própria. A solaridade gagnebeniana é certamente, também, segundo a audaciosa suposição benjaminiana, afim ao princípio criador por excelência, aquele “princípio feminino vital e vegetal”, a um tempo “astucioso, flexível e onipresente.”

Com a tradução dessa breve mas imaginativa resenha sobre o livro de fotografias de Karl Blossfeldt, gostaria de prestar um tributo não apenas a Jeanne Marie, leitora, comentadora, professora, mas também ao próprio Walter Benjamin, autor ao qual ela dedicou grande parte de seus estudos acadêmicos e cuja atividade de resenhista ainda é relativamente pouco conhecida entre nós. Espero que tais flores benjaminianas, em sua versão traduzida, possam estar à altura do florilégio de homenagens que o presente volume enseja e possam animar outras traduções futuras.

Novidades das flores

Criticar é uma arte sociável. O leitor comum pouco se importa com o julgamento do resenhista. Mas o que ele aprecia profunda e intimamente é aquele belo mau hábito de acompanhar, sem ser convidado, a leitura do outro. Abrir o livro dessa maneira, como se fosse uma mesa posta que nos acena, nos convida a todos para nos sentarmos à sua volta com nossas ideias, perguntas, convicções, esquisitices, preconceitos, pensamentos, de modo que aquelas centenas de leitores (serão tantos?) sumam nessa companhia e, justamente por causa disso, passem a regalar-se – isso é crítica. Pelo menos, a única que desperta o apetite do leitor por um livro.

Pressupondo estarmos aqui de acordo com essa premissa, digamos então que as 120 pranchas fotográficas deste livro são uma mesa posta para inúmeras observações e inúmeros observadores. Sim, desejamos angariar um tal número de amigos para essa riquíssima obra, pobre apenas em palavras. Mas devemos honrar o silêncio do investigador que nos apresenta essas imagens. Talvez o seu saber seja do tipo que deixa mudos aqueles que o possuem. E nesse caso, mais importante que o saber é o saber fazer. Quem produziu essa coleção de fotografias de plantas é capaz de se alimentar de algo mais do que do pão nosso de cada dia. Ele desempenhou seu papel naquela enorme prova a que foi submetido o inventário de nossas percepções e que ainda irá transformar nossa imagem do mundo de modo imprevisível. Ele comprovou que tem razão o pioneiro da nova fotografia, Moholy-Nagy ao dizer que:

As fronteiras da fotografia não são previsíveis. Nesse campo tudo é tão novo que a própria busca leva a resultados criativos. A técnica é a precursora óbvia disso. Não tanto quem ignora a escrita, mas sim quem ignora a fotografia será o analfabeto do futuro.

Seja acelerando o crescimento de uma planta com a técnica do *time lapse* ou mostrando sua forma ampliada 40 vezes – em ambos os casos jorraum gêiser de novos universos visuais nos mais inimagináveis pontos de nossa existência.

Essas fotografias descortinam na vida das plantas um tesouro insuspeitado de analogias e formas. Somente a fotografia é capaz disso. Pois é necessário fazer uma ampliação poderosa para que essas formas retirem de si o véu que nossa inércia jogou sobre elas. O que dizer de um observador a quem elas transmitem seus sinais quando ainda se encontram veladas? Nada pode evidenciar melhor essa verdadeiramente nova objetividade¹ em seu modo de proceder, do que compará-la com aquele procedimento outrora pouco objetivo embora tão genial, graças ao qual Grandville, tão apreciado quanto incompreendido, foi capaz de revelar, em seu “Fleurs animées”, o inteiro cosmos a partir do reino vegetal [Fig. 1]. Ele o aborda da extremidade oposta – e sabe Deus com que violência! Ele aplica a esses mais puros filhos da natureza o estigma de prisioneiro de toda a criatura – sua face humana – bem no meio da flor. Esse grande precursor da publicidade dominava como nenhum outro um de seus princípios básicos: o sadismo gráfico. Não será curioso agora ver um outro princípio da publicidade – a ampliação em escala gigantesca do mundo vegetal – curar suavemente as feridas que a caricatura lhe inflingiu [Fig. 2 e 3]?

“Formas primordiais da arte” – certamente. Mas, que mais poderia significar a não ser: “Formas primordiais da natureza”? Ou seja, formas que jamais constituíram um simples modelo para a arte, que como formas primordiais desde sempre estiveram atuantes em tudo o que foi criado. De resto, deve intrigar o observador

desapaixonado o modo como a ampliação das coisas grandes – por ex., da planta, ou de seu botão ou da folha – nos introduz em domínios formais totalmente diversos, tal como aquele das coisas pequenas, por ex., a célula vegetal ao microscópio. E mesmo admitindo que novos pintores como Klee e, mais ainda, Kandinsky há muito se ocupam da tarefa de nos familiarizar com aquelas regiões para as quais o microscópio nos rapta de modo rude e violento, o que encontramos nessas plantas ampliadas são “formas estilísticas” vegetais. No cajado do bispo que é representado pelos báculos de uma samambaia [Fig. 4], na esporinha [Fig. 5] e na flor da quebra-pedra [Figura 6], que nas catedrais medievais faz juz ao nome de rosácea por atravessar paredões, percebemos um *parti-pris* gótico. A seu lado, naturalmente, vemos aparecer em plantas da família da cavalinha formas de colunas antiqüíssimas [Fig. 7], em brotos de castanheiras e bordos, ampliados dez vezes, totens [Fig. 8 e 9], e vemos o botão de um acônito transformar-se no corpo de uma talentosa dançarina [Fig. 10]. De cada cálice e de cada folha saltam em nossa direção íntimas necessidades imagéticas que possuem – como metamorfoses – a última palavra em todas as fases e estágios daquilo que é gerado. Esse fato toca numa das formas mais profundas e insondáveis do elemento criador, naquela variedade que antes de todas as outras sempre constituiu a forma do gênio, dos coletivos criadores e da natureza. Ela é o frutífero, o dialético contraponto da invenção: o *natura non facit saltus* (a natureza não dá saltos) dos antigos. Gostaríamos de poder denominá-la, em uma suposição audaciosa, princípio feminino vital e vegetal. Essa variedade é o ceder e o concordar, o que é flexível e o que não tem fim, o que é astucioso e onipresente.

Mas nós os observadores das obras caminhamos por entre essas plantas gigantescas como se fôssemos liliputianos. A espíritos gigantes e fraternos, a olhos solares como os de Herder e de Goethe, é reservado ainda o direito de sorver toda a doçura desses cálices.

Referências

BENJAMIN, Walter. Neues von Blumen. In: BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*. V. 3, 6. ed. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1996. p. 151-3. [Ed. Hella Tiedemann Bertels]. – (Resenha de: BLOSSFELDT, Karl. *Urformen der Kunst. Photographische Pflanzenbilder*. Herausgegeben mit einer Einleitung von Karl Nierendorf. Berlin: Wasmuth [1928]. XVIII, 120 p. [Formas arquetípicas da arte. Imagens fotográficas de plantas])



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4: Báculo de samambaia - *Matteucia struthiopteris*



Fig. 5: Esporinha - *Delphinium consolida*

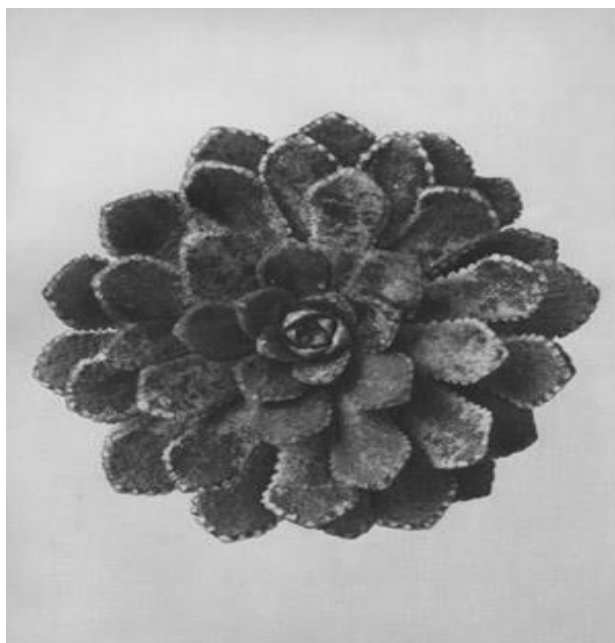


Fig. 6: Quebra-pedras - *Saxifraga paniculata*

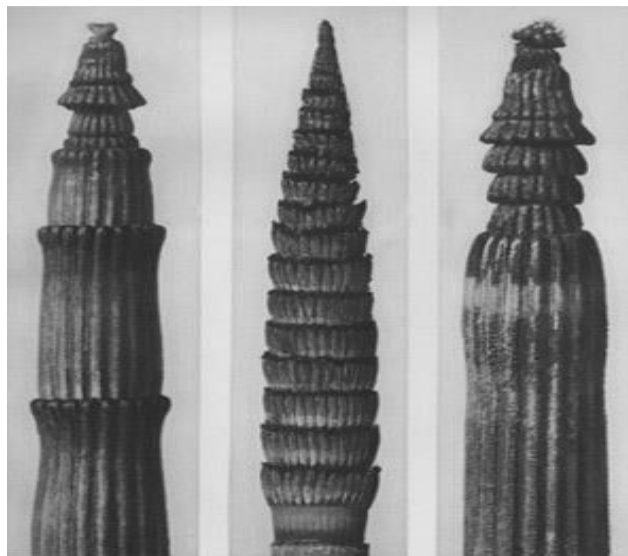


Fig. 7: Cavalinha - *Equisetum Schachtelhelm*



Fig. 8: Broto da castanheira - *Castanea dentata*



Fig. 9: Broto do bordo - *Ácer*



Fig. 10: Capacete-de-Júpiter, Acônito - *Aconitum*

Notas

¹ O movimento da Nova Objetividade surgiu na Alemanha dos anos 20 do século XX como reação ao Expressionismo. Os artistas que a ele aderiram buscavam formas de representação mais sóbrias, menos emocionais. Na fotografia, o movimento foi particularmente prolífico. Entre outros, Karl Blossfeldt e August Sander, que tiveram suas fotografias comentadas por Benjamin, fizeram parte dessa tendência artística, que teve seu fim com o advento do nacional-socialismo